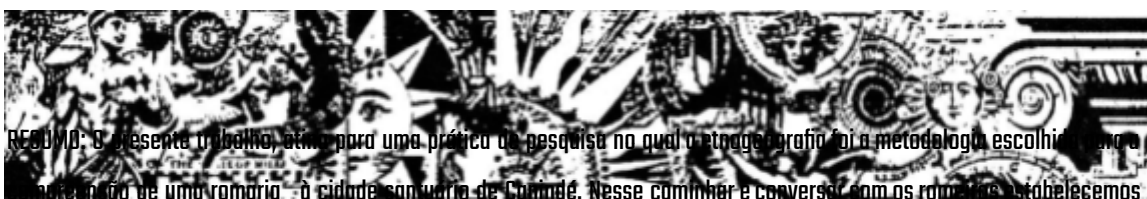




# LÉGUA TIRANA: UMA ETNOGEOGRAFIA DO SAGRADO PELOS SERTÕES DE CANINDÉ

■ OTÁVIO JOSÉ LEMOS COSTA

Doutor em Geografia (UFRJ). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: arilsonxavier@yahoo.com.br



**RESUMO:** O presente trabalho, trata-se para uma prática de pesquisa na qual a etnogeografia foi a metodologia escolhida para a compreensão de uma romaria - à cidade santuária de Canindé. Nesse caminhar e conversar com os romaneiros estabelecemos uma forma de conceber o real, ou seja, entender como o cotidiano de uma prática típica do catolicismo popular vai ser materializado através das manifestações concretas e que devam ser entendidas como um texto. Em uma postura etnográfica, fazer a leitura dos elementos do sagrado, por exemplo, conjuga com os significados que determinadas fazeres e saberes podem estar contidos na paisagem humana (Cosgrove, 1998). Desse modo, a concepção de uma etnografia para pensar práticas do sagrado vai muito além das representações estabelecidas por instrumentais cartográficos ou pelos aspectos aparentemente formais que eles podem expressar. Assim propomos a fazer uma etnogeografia, não apenas fazendo o exercício de uma mera descrição, mas adentrando por suas geografias particulares, pois entendemos que as narrativas e as práticas são construídas cotidianamente e expressam tanto nossas utopias bem como os limites que nos são postos, sejam eles no âmbito de um meio ambiente natural ou ainda através de uma explicação da geografia humana. A compreensão de uma prática socioespacial envolvendo uma romaria, ensejou uma prática metodológica que está relacionada desde a proposição do problema, a formulação dos objetivos e delimitação do trabalho de campo.

Palavras chaves: Etnogeografia, espaço sagrado, Canindé.

## LEGUA TIRANA: AN ETHNOGEOGRAPHY OF THE SACRED THROUGH THE BACKLANDS OF CANINDÉ

**ABSTRACT:** This work enhance on a research practice in which ethnogeography was the methodology chosen to understand a pilgrimage to the sanctuary city of Canindé. Through this trajectory and conversation with the pilgrims, we established a way of conceiving reality, that is, understanding how the daily routine of a typical practice of popular Catholicism will be materialized through concrete manifestations that should be understood as a text. From an ethnographic perspective, interpreting the elements

of the sacred, for example, combines the meanings that certain practices and knowledge may contain in the human landscape (Cosgrove, 1998). Thus, the concept of an ethnography to consider sacred practices goes far beyond the representations established by cartographic instruments or the apparently formal aspects they may express. Thus, we propose an ethnogeography, not merely carrying out a mere description, but delving into its particular geographies, as we understand that narratives and practices are constructed daily and express both our utopias and the limits imposed on us, whether within a natural environment or through an explanation of human geography. Understanding a socio-spatial practice involving a pilgrimage gave rise to a methodological approach that is interconnected from the problem statement, the formulation of objectives, and the delimitation of fieldwork.

KEY-WORDS: Ethnogeography, sacred space, Canindé.

### LEGUA TIRANA: UNA ETNOGEOGRAFÍA DE LO SAGRADO A TRAVÉS DE LAS TIERRAS SECAS DE CANINDÉ

RESUMEN: Este trabajo se centra en una práctica de investigación en la que la etnogeografía fue la metodología elegida para comprender una peregrinación a la ciudad santuario de Canindé. A través de este viaje y la conversación con los peregrinos, establecimos una forma de concebir la realidad; es decir, comprender cómo la rutina cotidiana de una práctica típica del catolicismo popular se materializa a través de manifestaciones concretas que deben entenderse como un texto. Desde una perspectiva etnográfica, la lectura de los elementos de lo sagrado, por ejemplo, combina los significados que ciertas prácticas y conocimientos pueden contener en el paisaje humano (Cosgrove, 1998). Así, el concepto de una etnografía para considerar las prácticas sagradas va mucho más allá de las representaciones establecidas por los instrumentos cartográficos o los aspectos aparentemente formales que puedan expresar. Así, proponemos una etnogeografía que no se limite a realizar una mera descripción, sino que profundice en sus geografías particulares, ya que entendemos que las narrativas y las prácticas se construyen a diario y expresan tanto nuestras utopías como los límites que se nos imponen, ya sea en un entorno natural o a través de una explicación de la geografía humana. La comprensión de una práctica socioespacial que implica una peregrinación día lugar a un abordaje metodológico que se interconecta desde el planteamiento del problema, la formulación de objetivos y la delimitación.

PALABRAS- CLAVE: Etnogeografía, espacio sagrado, Canindé

### INTRODUÇÃO

Ao abordarmos determinados aspectos da realidade, seja em um processo investigativo elaborado ou simplesmente através de um olhar despretenso, atentamos de forma sistemática para alguns elementos do real, o que nos permite definir um conjunto de escolhas para nossa investigação. Dessa forma, ao construir a pesquisa, lidamos como uma dimensão técnica que também se interliga a uma dimensão científica (Deslandes, 1998), portanto, estamos assim definindo a abordagem do objeto

investigado, bem como a escolha dos instrumentos mais adequados para sua operacionalização.

Porém além dessa dimensão técnica, carregamos conosco nossas subjetividades, que definem também nossa maneira de ver o mundo, sobretudo quando tentamos fazer uma leitura sobre o outro e sobre as práticas nas quais se reverberam em espacialidades, estamos delineando uma trama que converge para uma relação dialógica estabelecida por uma etnografia não apenas meramente descritiva das paisagens ou dos lugares, mas atinando para um espírito etnográfico que nos faz compreender que, ao realizar um trabalho de campo, não é apenas coletar dados, mas estabelecer um diálogo com o outro, buscar tentativa de captar a emoção do outro. Assim, buscamos as imaginações que estão impregnadas nas suas formas de perceber o mundo.

O presente trabalho, atina para uma prática de pesquisa no qual a etnogeografia foi a metodologia escolhida para a compreensão de uma romaria à cidade santuário de Canindé. Nesse caminhar e conversar com os romeiros estabelecemos uma forma de conceber o real, ou seja, entender como o cotidiano de uma prática típica do catolicismo popular vai ser materializado através das manifestações concretas e que devam ser entendidas como um texto.

Em uma postura etnográfica, fazer a leitura dos elementos do sagrado, por exemplo, conjuga com os significados que determinados fazeres e saberes podem estar contidos na paisagem humana (Cosgrove, 1998). Desse modo, a concepção de uma etnografia para pensar práticas do sagrado vai muito além das representações estabelecidas por instrumentais cartográficos ou pelos aspectos aparentemente formais que eles podem expressar.

Assim propomos a fazer uma etnogeografia, não apenas fazendo o exercício de uma mera descrição, mas adentrando por suas geografias particulares, pois entendemos

que as narrativas e as práticas são construídas cotidianamente e expressam tanto nossas utopias bem como os limites que nos são postos, sejam eles no âmbito de um meio ambiente natural ou ainda através de uma explicação da geografia humana. A compreensão de uma prática socioespacial envolvendo uma romaria, ensejou uma prática metodológica que está relacionada desde a proposição do problema, a formulação dos objetivos e delimitação do trabalho de campo.

Na perspectiva metodológica, atinamos realizar uma etnogeografia, não apenas realizando para uma mera descrição, mas adentrando por suas geografias particulares, pois entendemos que as narrativas e as práticas são construídas cotidianamente e expressam tanto nossas utopias bem como os limites que nos são postos, sejam eles no âmbito de um meio ambiente natural ou ainda através de uma explicação da geografia humana.

A compreensão de uma prática socioespacial envolvendo por exemplo, as narrativas dos romeiros que se dirigem à cidade de Canindé ensejaram uma prática metodológica que está relacionada desde a proposição do problema, a formulação dos objetivos e delimitação do trabalho de campo. Portanto, em uma abordagem etnográfica, o nosso processo de investigação do real envolveu uma tessitura que foi interpretada como uma construção de significados e em um sentido amplo, talvez se aproximando de uma etnogeografia, pois, segundo Claval (1997) o interesse por essa temática torna-se relevante, pois, o mundo que nós estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado por seus saberes, seus desejos, sendo também objetivado por suas aspirações. Nesta concepção, a etnogeografia convida a refletir sobre a diversidade dos sistemas de representação e de técnicas pelas quais os homens agem em suas diversas formas de intervenção e modelam o espaço à sua imagem em função de seus valores e de suas aspirações (Claval, 1996, p. 114). Dessa forma, a

etnogeografia busca a compreensão entre os diversos grupos étnicos e sua relação com o espaço geográfico.

## **PRATICANDO UMA ETNOGEOGRAFIA**

As abordagens teóricas sobre as formas espaciais, afirmam que estas não são apenas um produto dos fatores associados à natureza, tais como o clima ou formas orográficas, mas envolve também elementos representados pelas ideias de uma sociedade, bem como as atividades sociais e econômicas que delineiam práticas sociais desenvolvidas por um determinado grupo cultural. Embora, como argumenta Rosendahl (2002, p. 208), “os espaços sagrados são qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida nos lugares”, podemos dizer que o simbolismo das formas espaciais varia de grupo para grupo, e por isso dificilmente se pode generalizar sobre os princípios da paisagem religiosa ou dos lugares sagrados. Acreditamos, portanto, que a interpretação que se dá a uma forma simbólica está diretamente relacionada à intencionalidade das ações e práticas culturais desenvolvidas pelos indivíduos.

Privilegiamos o contexto etnogeográfico para ampliar a nossa leitura e interpretação que envolvem as práticas socioespaciais de devotos que praticam a romaria ao santuário de São Francisco das Chagas em Canindé, admitindo que a construção e consolidação de espacialidades sagradas em uma escala local ou regional incorporam vertentes que estão direcionadas para a definição de área cultural. Neste sentido, como propõem Wagner e Mikessel (1962, p. 5), “o primeiro passo essencial na geografia cultural é uma investigação sobre a distribuição passada e presente de características das culturas que constitui a base para o reconhecimento e delimitação de

áreas culturais”. Assim, a abordagem que é dada neste trabalho, estabelece prospecções que buscam a compreensão dos significados na qual os elementos do sagrado e suas manifestações concretas e simbólicas produzem desdobramentos que são observados através de comportamentos e práticas espaciais.

Na concepção de Blaut (1979, p. 6) “a etnogeografia é um sistema de crenças feito por seres humanos” e isso nos ajuda a pensar e examinar sobre as crenças geográficas, a partir de como as pessoas expressam em sua linguagem cotidiana os fatos de seu meio ambiente, crenças estas carregadas de sistemas simbólicos cujas veleidades podem ser interpretadas em seus contextos particulares. Neste sentido, Ribeiro (2021) adverte que a etnogeografia constitui, um conjunto de saberes-fazer vernaculares de um grupo, sendo assim um termo polissêmico e essa polissemia foi evidenciada nos diversos estudos realizados, sejam aqueles que abordam os indivíduos sejam os que estudam o grupo.

As crenças reveladas pelos participantes de uma romaria à Canindé expressam valores simbólicos que constituem um posicionamento etnogeográfico. O desafio da “légua tirana” é compensado pelo desejo de estar junto, de reverenciar o santo protetor, pagar sua promessa (Figura 2). O sacrifício revelado pela dificuldade em fazer a romaria: cansaço, dores no corpo, lugares precários para fazer refeições e descanso parecem estar internalizados naqueles que fazem a romaria. Durante a caminhada, o relato das motivações que o levaram a fazer a romaria é parte desse ritual. Aflições de saúde, busca de emprego, ascensão social, conquistas materiais são enfatizadas constantemente. Trata-se de um comportamento ritual que nos permite reconhecer o valor de uma ritualidade cotidiana (Terrin, 2004), como podemos perceber nos comentários de participantes da Romaria Dom Joaquim:

“quando saio de casa para a romaria, me sinto renovado. A romaria prá mim é quase uma vida, o ano que eu não puder vou sentir muito falta (...). Agora tá com quatro anos que eu não caminho direto por problemas de saúde, aí eu caminho uma parte de pé outra de carro”

“a romaria é um ato de fé, sofrimento, você deixa seu lar, sua família e se embrenha por estas estradas, arriscando ser assaltado, atropelado, mas a fé em São Francisco está acima de tudo. Quando estamos em romaria ficamos todos unidos e as pessoas nos acolhe no caminho, é muito bonito essa união”

“sei que é difícil, estou sentindo muitas dores nas pernas, tenho até problemas de coluna, mas este sacrifício vale a pena. Essa é a segunda vez que venho em romaria, até pensei em desistir, mas quando chega o dia de partir, então venho, compro minha camisa e vou com a turma (...) as dores a gente aguenta assim mesmo, pois tem que ter o sacrifício, mas sei que a fé em São Francisco é maior e eu chegarei à Canindé”.



Figura 2. Romeiros no caminho à Canindé

Fonte. Elaborado pelo autor, 2010

Portanto, o saber de um grupo traz em seu bojo aspectos discursivos. O romeiro que vai à Canindé expressa por meio da fala, dos gestos e ações. Podemos entender que a etnogeografia traria a revelação de comportamentos geográficos e conforme Staszak (1996, p. 43) a "realidade geográfica é, em grande parte, senão exclusivamente, produzida pelas atividades humanas". Seu comportamento é determinado por um certo número de representações (a ideia que têm de si mesmos, os objetivos que perseguem, sua visão de mundo, etc.). Portanto, falar da romaria à Canindé envolve as representações que desempenham um papel fundamental nos comportamentos geográficos.

Nossa abordagem metodológica, também buscou esteio nas proposições de Günther (2006) que explicita ser uma das características gerais da pesquisa qualitativa, a construção da realidade, ou seja, a pesquisa deverá ser percebida como um ato subjetivo de construção, identificando lugares simbólicos e compreendendo as manifestações que envolvem uma complexidade de significados. Assim, a investigação nos permitiu trilhar pelos caminhos da subjetividade, tendo por objetivo conhecer as práticas dos romeiros, através de suas particularidades, seja em sua dimensão funcional ou em sua dimensão simbólica, que se definem espacialmente, identificando também as ações individuais ou coletivas em um ambiente de romaria.

Aqui privilegiamos a observação também considerada como uma maneira de coletar dados no intuito de obter informações a respeito de uma dada realidade. Constitui um exercício que envolve a percepção, o sentir, a contemplação, enfim buscar o entendimento do real e seus significados. Neste sentido, argumenta Hissa (2002, p. 179) que "sem o olhar, a geografia comprometer-se-ia na ausência de perspectiva de

contemplação das formas, já que compreender as formas, com todos os seus significados, é também o seu objetivo”.

Neste contexto, buscamos um diálogo com os participantes de uma romaria pautado na perspectiva da relação sujeito-objeto, perspectiva esta pela qual se refere Da Matta (1991, p. 13) sobre a importância da interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado, que compartilham experiências, mesmo que muitas delas não se comuniquem ou não tratem de um mesmo objeto comum.

Assim, adotando o método etnográfico nos situamos em uma proposta metodológica para o entendimento de práticas socioespaciais que trata de olhar para as coisas que muitas vezes nos parece estarem escondidas. Somos consoantes ao que afirma Magnani (2002, p. 17) ao dizer que “método etnográfico é antes de tudo um acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”. Mesmo em um contexto de aproximação para investigar algo familiar ou exótico, observamos que o real investigado sempre traz o filtro do observador e neste sentido somos amparados por um movimento que relativiza a objetividade trazendo também a dimensão subjetiva (Velho, 1978).

Portanto, quando dimensionamos o nosso objeto de pesquisa: a concepção do real, está referenciada nas proposições metodológicas pertinentes para aquilo que queremos investigar. Adotando os parâmetros da metodologia qualitativa para investigar o sagrado em uma romaria pelos sertões de Canindé, seguimos o pressuposto pelo qual nossa análise deveria estar centrada na esfera do de microgeografias para o entendimento de pequenos mundos. Neste particular nos apoiamos nas considerações propostas por Haguette (2007, p. 20) ao afirmar que “a sociedade é constituída de microprocessos que, em seu conjunto, configuram as

estruturas maciças, aparentemente invariantes, atuando e conformando inexoravelmente a ação social individual”.

Diante desse pressuposto, sedimentamos nossa investigação, através de informações consubstanciadas nas fundamentações teóricas e nas práticas espaciais realizadas através de um processo que envolve a narrativa etnográfica e que conforme Marcus e Cushman (1998, p. 175) tem se caracterizado pelo realismo etnográfico, ou seja, “a forma de escrita que buscamos para representar a realidade de todo um mundo ou um modo de vida”.

Assim, conversando com os romeiros, peregrinando com eles, procuramos uma construção de significados, decodificações, bem como as representações associadas à perspectiva do entendimento dos detalhes, do cotidiano em uma estrutura de um catolicismo popular, pois entender as práticas espaciais em um contexto de uma geografia do sagrado, enseja a compreensão de fenômenos que sugerem uma espacialidade e também um sistema complexo de elementos que produzem e reorganizam paisagens e lugares sagrados.

Entendemos também que é enveredar por um amplo debate teórico-metodológico que resgata e amplia a perspectiva etnogeográfica para analisar o sagrado, pois a construção de uma geografia da religião sedimentada na compreensão do sagrado, procura tornar evidente as representações espaciais que se articulam com várias proposições teórico-metodológicas entre as quais conhecer o lugar sagrado e suas particularidades, ora explicando, justificando ou questionando.

Consideramos também que, uma maneira de conceber o real, ou seja, a concepção do espaço e suas manifestações concretas devam ser entendidas como um texto. Desse modo, exercer uma imaginação geográfica a partir de práticas socioespaciais que dimensionam a experiência e o vivido em uma romaria, vai muito

além das representações estabelecidas por objetividades ou pelos aspectos aparentemente formais que os mesmos podem expressar.

Assim nos propusemos a fazer um exercício para além do olhar objetivo, mas adentrando por suas geografias particulares, pois entendemos que a compreensão de determinados valores se estabelece cotidianamente e expressam tanto nossas utopias bem como os limites que nos são postos.

### **A CONCEPÇÃO DO REAL: CANINDÉ, “QUE ESTRADA MAIS COMPRIDA, QUE LÉGUA MAIS TIRANA”**

Nesta seção vamos apresentar o lugar de nossa pesquisa, aqui representado por caminhos que sugerem sentimentos e emoções que ensejam definir geografias eivadas por significados pelos quais os indivíduos atribuem aos lugares e que estão associados com o cotidiano, movimentos e atividades que as pessoas mantêm com esses lugares.

A cidade de Canindé, situada no sertão central do Ceará. (Figura 1) É a hierópolis mais antiga do Ceará. A devoção à São Francisco de Canindé tem início no ano de 1775, quando foi construída uma pequena capela pelo sargento-mor português Francisco Xavier de Medeiros (Willeke, 1962). É considerada como o destino da segunda maior peregrinação franciscana do mundo, superada apenas pela peregrinação à cidade de Assis na Itália. A cidade cresceu em torno da pequena capela que anos mais tarde se transformaria na imponente basílica que domina todo o espaço urbano. No período de 26 de setembro a 4 de outubro, ocorre, o maior fluxo romeiro à Canindé. Essas romarias, muitas delas realizadas a pé, motocicletas, bicicletas ou em sua maioria em caminhões paus-de-arara e ônibus denotam que realizar a romaria constitui um apoio e uma orientação, na qual o romeiro sente a necessidade de viver e construir o

sagrado, incorporando ainda, elementos ritualísticos plenos de simbolismo (Morinis e Crumrine, 1991). Chegar à Canindé é cumprir um ato de voluntariedade, pois cada devoto decide quando e como fazer sua romaria e de que forma vai cumprir sua promessa.

Explorando o significado dos lugares na perspectiva do simbólico, especificamente na esfera do sagrado, pretendemos mostrar que não existe um único significado para o lugar, mas sim pluralidades interpretativas. Entendemos ainda que as relações intersubjetivas engendram a produção do lugar e esse universo plural de interpretações coaduna-se ao pensamento de Merleau-Ponty (1999, p. 328), que ao considerar o espaço como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como potência universal de suas conexões. Dessa forma, o mundo, enquanto lugar de vida não é apenas o ambiente real e lógico nas quais as coisas se tornam possíveis, mas um palimpsesto de experiências vividas e partilhadas em evidências de um mundo subjetivo.

As singularidades expressas na romaria de Canindé comportam grupos de indivíduos, atitudes e, sobretudo, formas simbólicas espaciais, que são consideradas como representações da realidade e se inserem numa ordem de representações sociais resultantes de um complexo processo no qual os significados são comunicados e reproduzem aquelas formas que tipificam as cidades santuários em questão. A compreensão de cada realidade sócioespacial pode ser vista também como uma construção e atribuição de significados e nos conduz a uma tessitura que reúne elementos objetivos e subjetivos presente no real.



Figura 1: Basílica de São Francisco das Chagas na cidade de Canindé-CE

Fonte: Elaborado pelo autor, 2010.

E entender uma prática de romaria no contexto do lugar sob o ângulo do espaço vivido é enxergar o nível corpóreo-emocional que o indivíduo mantém com o lugar. Tuan (1983) ao focar esta relação homem-lugar, diz que o espaço é orientado a partir do corpo humano, resultando de uma experiência primitiva do espaço. Para Tuan, o espaço incorpora implicitamente uma base fenomenológica pelas quais as atenções se voltam para os valores espaciais, produzindo uma sensação de apinhamento como experiência subjetiva. A forte ligação do sujeito com o lugar é também ressaltada por Fremont (1980) quando mostra que o homem desde o nascimento irá efetuar com o corpo materno uma formação espacial e que se desenvolve pelas metamorfoses que o corpo passa até a senilidade.

Autores como Eric Dardel (1990), David Lowenthal (1982), Anne Buttimer (1982), ao proporem uma visão fenomenológica da geografia, contribuíram para o conceito humanista de lugar, conceito este já destituído de suas conotações exclusivamente locais. A abordagem do lugar na perspectiva humanista, que teve como base filosófica o existencialismo e a fenomenologia, irá definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço vivenciado pelo indivíduo, ou seja, um foco gerador de significados.

Essa dimensão do vivido tem destaque nas formulações de Entrikin (1991), quando se reporta ao lugar afirmando que este se apresenta como condição da experiência humana. Assim, enquanto agentes no mundo, os indivíduos estão sempre no lugar fazendo parte de um determinado sistema cultural. Por esta razão, a relação existente do indivíduo com a cultura do lugar, produz elementos que forjam a construção de suas identidades coletivas e individuais.

A paisagem dos sertões de Canindé guarda a existência de um complexo universo simbólico. Esse sentimento de identificação com o lugar reforça a idéia de que a paisagem aí representada não é apenas a conjugação de elementos naturais ou culturais justapostos numa lógica sócioespacial, mas algo que produz significados, ou seja, um sistema de representação cultural. Aqui os indivíduos, sejam aqueles que vivem nesse sertão, sejam aqueles devotos de São Francisco das Chagas e que transitam nas romarias à Canindé, participam dessa paisagem produzindo, dialogando, estabelecendo assim novas posturas identitárias, engendrando espacialidades ou formas simbólicas e, como sugere Gil Filho (2005), são espacialidades ou morfologias simbólicas dos objetos espaciais que irão configurar como a dimensão da paisagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem acerca de uma discussão etnogeográfica neste trabalho procurou estabelecer ligações pelas quais a prática da pesquisa de campo ensejou uma interpretação do real por meio da interpretação crenças que se ambientam em torno de um ritual sagrado de caráter popular, a romaria.

Assim, a compreensão de uma prática ritual, centrada na abordagem fenomenológica direcionava nossa análise para o entendimento de uma geografia do sagrado, aqui considerando não apenas o caráter locacional de objetos e formas simbólicas espaciais, mas também a experiência daqueles que vivenciam os lugares sagrados através de um interacionismo simbólico que se fundamentava na apreensão do significado do lugar e suas interpretações a respeito do mesmo.

No presente trabalho, atinamos para uma prática de pesquisa no qual a etnogeografia foi a metodologia escolhida para a compreensão de uma romaria à cidade santuário de Canindé. Seu objeto, buscou o entendimento que tendo um amparo fenomenológico, enfatizou o “mundo da vida”, onde em um cotidiano representado pelo caminhar e conversar com os romeiros pudemos estabelecer uma forma de conceber o real, ou seja, entender como o cotidiano de uma prática típica do catolicismo popular vai ser materializado através das manifestações concretas e que devam ser entendidas como um texto.

Portanto, o romeiro que vai à Canindé exercita práticas e discursos a partir dos significados que eles atribuíam. Aqueles que vivenciavam a experiência da prática de uma romaria interpretavam seus papéis e ao mesmo tempo orientavam suas ações, construindo, portanto, uma microgeografia plena de significados simbólicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAUT, James. Some Principles of Etnogeography. In: GALE, S. e GUNNAN, O. (ed), *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Co., 1979

BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: Christofletti, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo Cesar Costa e CORREA, Roberto Lobato (orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

CLAVAL, Paul. Etnogeografias. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro n°. 7 (jan/jun), p.69-74, UERJ/NEPE, 1999.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, Roberto Lobato. & ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: Nature de la Realité Géographique*. Paris: CTHS, 1990.

DESLANDES, Sueli F. A Construção do Projeto de Pesquisa. In: Minayo, Maria C. de Souza (org.) *Pesquisa Social: teoria e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1988

ENTRIKIN, J. Nicholas. *The Betweenness of Place: towards a geography of modernity*. London: Macmillan Education, 1991.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural e o Primado das Representações. *Espaço e Cultura*, n°. 3, dez pp.51-59, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, 2005.

GÜNTHER, Hartmurt. A pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: eis a questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: Depto. de Psicologia Social e do Trabalho, UNB, vol. 22, n°. 2 p. 201-210, mai-ago, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A Mobilidade das Fronteiras*. Inserções da Geografia na Crise da Modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: Christofletti, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.

MARCUS, George E. e CUSHMAN, Dick. Las etnografías como textos. In: CLIFFORD, J. y otros. *El surgimiento de la antropología posmoderna*. Compilación de Carlos Reynoso. Barcelona: Gedisa, 4ª Ed. 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORINIS, Alan & CRUMRINE, N. Ross. La Peregrinacion: The Latin American Pilgrimage. In: CRUMRINE, N. Ross e MORINIS, Alan (org.) *New York e Westport: Greenwood Press*. 1991.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia da religião: uma proposição temática. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 9–19, 2002.

STASZAK, Jean-François. Ethnogéographie et savoirs géographiques : quelques problèmes méthodologiques et épistémologiques. In: *Bulletin de l'Association de géographes français*, 1996 (janvier). Géographie culturelle. pp. 39-54;

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

WAGNER, Philip L. e MIKESSEL, Marvin W. The Themes in Cultural Geography. In: Wagner, Philip L. e Mikessel, Marvin W. (org.) *Readings in Cultural Geography*. Chicago: The University Press, 1962.